

# Professores jesuítas na Universidade de Coimbra?

ROQUE CABRAL, SJ\*

A interrogação no título tanto pode revelar dúvida como admiração – a dúvida de quem espontaneamente responderia pela negativa, ou a admiração de quem vem a saber, ao contrário do que pensava, ter havido realmente, na famosa Universidade, professores jesuítas.

E o facto é que uns e outros que assim reagem não andam longe da verdade. Não andam longe da verdade, porque, ao longo da sua muitas vezes gloriosa história, a Universidade de Coimbra não recrutou normalmente jesuítas para o seu corpo de professores. Mas não estão inteiramente certos porque houve realmente professores jesuítas na Universidade, embora pouco numerosos.

É o que me proponho brevemente dar a conhecer – modesta homenagem ao Colega e Amigo que ao longo dos anos me habituei a admirar e estimar.

Impõe-se contudo, logo de início, um indispensável esclarecimento: não trato aqui do famoso Colégio das Artes de Coimbra. Fundado por D. João III em 1547, como «escola menor» da Universidade, a ela sujeito em 1549 e dela isento (mas a ela unido) em 1551, passou a ser dirigido pelos jesuítas desde 1 de Outubro de 1555. Os professores, todos jesuítas, residiam no Colégio de Jesus. Expulsos os jesuítas por Pombal, o Colégio das Artes foi novamente subordinado à Universidade, pela provisão de 16.10.72<sup>1</sup>.

---

\* Faculdade de Filosofia (Braga) – Universidade Católica Portuguesa.

<sup>1</sup> Cf. o notavelmente documentado artigo «Artes (Colégio das)» de J. Pereira GOMES em *Enciclopédia Verbo* 2,1412-1415. O Colégio conheceu ainda uma efémera direcção jesuítica entre

Seja como for, mesmo quando esteve unido ou subordinado à Universidade, nunca o Colégio das Artes passou de constituir uma «escola menor», preparatória para a Universidade<sup>2</sup>. Ora o que nos interessa averiguar é se, entre os professores da própria Universidade, houve alguma vez jesuítas.

A esta pergunta, a resposta é simples e breve: em toda a história da Universidade coimbrã só encontramos, entre os seus professores, dois jesuítas: um espanhol, Francisco Suárez, o outro português, Cristóvão Gil.

Em 1597, Filipe II de Portugal, nomeou Francisco Suárez para lente da mais prestigiada cátedra de toda a Universidade, a cadeira de Prima de Teologia. Fê-lo acedendo aos repetidos pedidos da Universidade coimbrã, tão grande era o prestígio de que então gozava o teólogo jesuíta, que nessa altura se encontrava a leccionar em Alcalá, depois de o ter feito em Roma.

Suárez estava contudo mais interessado em dedicar-se à composição e edição das obras que planeava, pelo que não se poupou a esforços para se ver liberto da cátedra coimbrã. Conseguiu finalmente, em 1604, que Filipe II nomeasse como seu substituto, durante os três anos em que ainda continuaria proprietário da cátedra de Prima, o P. Cristóvão Gil. Este suceder-lhe-ia na cadeira, no caso de já se ter jubilado o então lente de Véspera, frei Egídio da Apresentação OESA; caso contrário, Gil tomaria a propriedade da cadeira de Véspera, como viria a acontecer. Por pouco tempo, aliás: já então muito achacado, Gil viria a morrer a 7 de Janeiro de 1608, com 53 anos.

Fica assim respondida a interrogação acerca da presença de professores jesuítas na Universidade de Coimbra: apenas dois, Suárez e Gil.

Tem seu interesse referir as curiosas circunstâncias em que Suárez e Gil (chamado este de Roma, onde ocupava o importante cargo de *revisor geral* das obras jesuítas) se encontraram pela primeira vez.

Quando, por nomeação régia, Suárez veio para Coimbra, o grau de doutor que ostentava não fora obtido em quaisquer provas que tivesse prestado perante um júri, devia-se antes à nomeação pelo Geral dos jesuítas, o qual

---

1832-1834, vindo a suceder-lhe o Liceu Nacional de Coimbra e, mais tarde, o Hospital da Universidade.

<sup>2</sup> Depois da expulsão de Pombal, que eliminou de uma penada quase todo o ensino secundário em Portugal, encontramos frequentes lamentos, por parte da Universidade, pelo baixo nível que os alunos vindos das escolas menores traziam. Assim D. Francisco de Lemos, embora fidelíssimo a Pombal, em Relação enviada ao Rei em Setembro de 1777: «É necessário que Sua Majestade seja servida restaurar os estudos das Humanidades, que se acham na última decadência nestes Reinos» (Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar*, 2ª ed., Lisboa, 1996, 499).

recebera do Papa o poder de, cumpridos determinados requisitos, conferir o grau de doutor aos jesuítas que em seu entender tal merecessem. Na origem desta invulgar concessão estiveram as circunstâncias da época: as despesas de um doutoramento, que implicava diversos actos sociais, entre os quais uma tourada, eram muito elevadas. Despesas claramente incompatíveis com a pobreza religiosa. Confiado no bom juízo do P. Geral dos jesuítas e seus conselheiros, decidiu o Papa Júlio III, pelo breve *Sanae religionis*, de 22.10.1532 (confirmado pelo breve *Exposuit nobis*, de 19.09.1561, de Pio IV) atribuir-lhe o poder de nomear doutores aqueles que para tal tivessem mérito – e foi assim que Suárez chegou ao doutorado.

Só que, em Coimbra, e não obstante o merecido prestígio de que ele reconhecidamente gozava, não faltaram vozes críticas acerca de um grau alcançado de modo tão pouco habitual.

Sensíveis às vozes críticas, encontraram os superiores uma solução inatacável à luz das regras do tempo: nomearam Suárez *padrinho* no doutoramento do P. Gonçalo Luis, que teve lugar na Universidade de Évora, a 4 de Junho de 1597. Se tivermos em conta que o padrinho tinha de estar à altura de ajudar o doutorando a responder às perguntas que qualquer dos doutores presentes entendesse fazer, compreendemos que a nomeação para padrinho equivalia à consagração pública da categoria do nomeado.

Ora aconteceu que um dos doutores que interveio no doutoramento em que Suárez era padrinho foi Cristóvão Gil, então professor na Universidade de Évora. As suas intervenções foram de tal qualidade<sup>3</sup> que Suárez, impressionado, quis saber de quem se tratava, tendo concluído: «que necessidade havia de trazer de Castela um professor para a cátedra de Coimbra, tendo semelhante teólogo em Portugal?». Não admira, por isso, que a presença de Cristóvão Gil em Coimbra, para substituir Francisco Suárez, se tenha devido, segundo o melhor biógrafo do teólogo granadino, R. de Scorraille, a insistências do próprio Suárez.

## Bibliografia

SCORRAILLE, R. de, *François Suarez*, Paris 1913.

BEUMER, J., «P. Christophorus Gilius SJ (1555-1608). Notae quaedam biograficae», *Gregorianum* 21 (40) 248-254.

---

<sup>3</sup> Cronista da época acrescenta este saboroso pormenor: bastante descontraído, Suárez ia passando as contas do seu rosário, enquanto presidia ao acto. Mal interveio C. Gil, meteu rapidamente as contas no bolso e pôs-se a ouvir atentamente as suas objecções.

CABRAL, R., «Cristóvão Gil substituto de Suárez em Coimbra», *Cuadernos Salmantinos de Filosofia* VIII (1981) 315-320.

Id., «Único jesuíta português professor de Teologia em Coimbra», *RPF* 50 (94) 97-102.

Id., «Teologia e Filosofia dos Jesuítas em Portugal», *Didaskalia* 29 (99) 185-187.